



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CECH - CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DHI - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CÂNDIDA SANTOS DE OLIVEIRA**

**A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA EM SERGIPE A PARTIR DAS MEMÓRIAS  
EM TORNO DO LAMBE-LAMBE**

**São Cristóvão (SE)**

**2016.2**

**CÂNDIDA SANTOS DE OLIVEIRA**

**A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA EM SERGIPE A PARTIR DAS MEMÓRIAS  
EM TORNO DO LAMBE-LAMBE**

Artigo apresentado à disciplina Prática Pesquisa, como requisito à obtenção do título de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal de Sergipe, orientador Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

**São Cristóvão (SE)**

**2016.2**

## **RESUMO**

O presente artigo traz a abordagem da história da fotografia lambe-lambe em Sergipe com enfoque para a cidade de Aracaju. Nesse sentido, esse trabalho foi fundamentado com a realização de pesquisa bibliográfica referente ao desenvolvimento da fotografia no Brasil, esta que se trata de uma cultural material em constante mutação. Outro enfoque da pesquisa se dá sobre a história da fotografia em Sergipe. As memórias dos fotógrafos lambe-lambes foram primordiais para o entendimento do funcionamento desta prática fotográfica no estado, mais precisamente na cidade de Aracaju. Esses profissionais desenvolviam suas atividades profissionais em praças públicas e até pouco tempo atrás era muito comum encontrá-los, encapuzados e quase fundidos a caixotes sobre tripés.

Palavras-chaves: História, Fotografia, Aracaju.

## **ABSTRACT**

The present article brings the approach of the history of photography lambe-lick in Sergipe with focus for the city of Aracaju. In this sense, this work was based on a bibliographical research concerning the development of photography in Brazil, which is an ever - changing cultural material. Another research focus is on the history of photography in Sergipe. The memories of the photographers lambe-lambes were primordial for the understanding of the operation of this photographic practice in the state, more precisely in the city of Aracaju. These professionals developed their professional activities in public squares and until recently it was very common to find them, hooded and almost fused to crates on tripods.

Keywords: History, Photography, Aracaju.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	06
A FOTOGRAFIA NO MUNDO .....	08
A FOTOGRAFIA NO BRASIL .....	10
A FOTOGRAFIA EM SERGIPE, NA CIDADE DE ARACAJU.....	11
A FOTO LAMBE-LAMBE OU OITI .....	13
O OLHAR DO LAMBE-LAMBE .....	18
Equipamentos .....	18
Quantitativo .....	21
Foto Popular .....	21
Catálogo de barracas .....	23
Extinção .....	24
REFERÊNCIAS .....	30

## APRESENTAÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que faz memória à fotografia lambe-lambe e a seus profissionais, em Sergipe, mais precisamente, na cidade de Aracaju. O uso da fonte oral daqueles que efetivamente prestavam esse serviço à população é utilizado em primeiro plano como fonte.

História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Definida por Allan Nevis<sup>1</sup> como “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio dos quais se produz conhecimento:

O mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia do jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta”<sup>2</sup>.

Em segundo plano foram utilizados livros de memórias de escritores sergipanos, além de artigos de outros pesquisadores. Os lambe-lambes espalhados na área central de Aracaju fizeram sua história, cada um com sua peculiaridade. São histórias e memórias de uma categoria profissional que precisou passar por muitas modificações para atender a clientela.

Décadas antes das *selfies* (autorretrato) e da foto digital, a fotografia era algo que carregava certa formalidade. Então, como era possível se deixar fotografar no meio de uma praça pública? Sem tantos recursos tecnológicos, como era possível colocar uma imagem em uma folha de papel?

Quem tem mais de 30 anos deve lembrar dos ‘convites’ aos gritos dos fotógrafos lambe-lambes que se aglomeravam com suas “máquinas” nas suas barracas na praça General Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão, popularmente conhecida como praça General Valadão, no centro comercial de Aracaju. A cada “convite”, tentavam convencer os transeuntes a posar para suas lentes.

---

<sup>1</sup> Oral history: how it was born. In: DUNAWAY, D. K.; BAUM, Willa K. (ed.). *Oral history: na interdisciplinar anthology*. Nashville: American Association for State and Local History, 1985. P. 42.

<sup>2</sup> CAMARGO, Aspácia. História oral e política. In: FERREIRA, M. de M. (Org.) *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: CPDOC/Diadorim/Finep, 1994. P. 78.

Esses lambe-lambes eram os responsáveis por ilustrar por meio de fotografias no formato 3x4, carteiras de identidade, de trabalho e escolares, além de cartões de vacinas exigidos pelas instituições públicas. Outros formatos também existiam, como os postais, que geralmente eram guardados como recordação e também eram enviados aos parentes mais distantes, para a namorada ou para ilustrar algum quadro na parede de casa.

Nesse aspecto, nessa pesquisa a rememoração da fotografia lambe-lambe tem o objetivo de construir reflexão sobre a construção do mundo contemporâneo. Objetivando de modo geral resgatar as características da fotografia lambe-lambe em Aracaju. Especificamente, a pesquisa objetiva analisar as características dessas fotografias; conhecer o perfil dos fotógrafos e contribuir como fonte de pesquisa para acadêmicos e pesquisadores que se interessam pela temática.

Na perspectiva metodológica, o primeiro passo elaborado do artigo foi definir o tema e os propósitos da pesquisa. Depois procurar fontes que tivessem trabalhado com a fotografia lambe-lambe. Essa última etapa não foi fácil, pois com a reforma do mercado central de Aracaju, esses profissionais ficaram sem espaço para trabalhar e não eram encontrados na região. Então, vários contatos presenciais e telefônicos foram realizados com repórteres- fotográficos que atuam atualmente, um deles Wellington Barreto levou-me à uma área do mercado central, onde foi possível localizar três profissionais que trabalharam com lambe-lambe, assim, foi possível conhecer a história dessa fotografia e de como foi seu funcionamento em Aracaju.

Graças às entrevistas foi possível localizar uma quarta fonte. Uma quinta pessoa foi identificada, mas alegando problemas de saúde não pode conceder entrevista. Durante o desenvolvimento do projeto, houve também um falecimento de uma pessoa que constava na lista de entrevistados.

## A FOTOGRAFIA NO MUNDO

A partir do século XVI, alarga-se o uso das máquinas de desenhar. Elas são, muitas vezes, constituídas por um caixilho e por um ‘visor’ com o qual o olho pode permanecer fixo sobre o objeto (AMAR, 2013, p. 11).

O autor acima cita o uso de uma máquina que registrava imagens. Em 1615, M. Marolais inventa o pantógrafo para reduzir ou aumentar mecanicamente o desenho com a ajuda de um paralelogramo articulado. A evolução não para e Loius Carrogis desenvolve a técnica chamada de Carmontelle, ou seja, o desenho do perfil de silhuetas. Esta moda de perfis irá durar até o século XIX.

Em 1813, Joseph Nicéphore Niépce experimenta a litografia, inventada por Senefelder, em 1796, para reproduzir gravuras. As suas pesquisas orientam-se por duas direções: a reprodução de gravuras, tornadas translúcidas por meio de um verniz, e a reprodução de fotografias com a ajuda da câmara escura.

Em 1826 Niépce entra em contato com Louis Jaques Mandé Danguerre, este, crê ser um bom negócio e estabelece correspondência com Niépce. Em 14 de dezembro de 1829 eles assinam contrato, onde Niépce ‘abdica de sua invenção’ e Daguerre ‘emprega uma nova combinação com a câmara escura, os seus talentos e a sua indústria’.

Depois de muitas ideias e testes, apenas em 1839, na França é apresentado o método *daguerreótipo*, que é a fixação dos fotógrafos com água salgada. O *daguerreótipo* marca a data oficial da invenção da fotografia: 19 de agosto de 1839. Trata-se de uma imagem única e positiva (não pode ser reproduzida), formada em uma placa de cobre revestida por uma camada de prata polida (que lembrava um espelho) e sensibilizada por vapores de iodo, que lhe conferem um tom levemente dourado. Os *daguerreótipos* eram montados em estojos requintados, geralmente forrados de veludos e moldura trabalhada, sendo apresentado como um artigo de luxo.

O nome vem de Louis Jaques Mandé Danguerre, pintor e homem de negócios, que descobriu a fixação das fotografias em placas de cobre, feito que o tornou rico e conhecido em todo o mundo.

*“Os utilizadores do daquerréotipo eram mais técnicos que artistas, mas souberam, com rapidez tirar partido financeiro da sua actividade. Alguns abrem*

*estúdios nos centros urbanos, ao passo que outros tornam-se fotógrafos ambulantes nos meios rurais”*. (AMAR, 2013, p. 25)

Outras formas foram encontradas a exemplo do *calótipo* ou *talbótipo*, que valia-se de outra forma de gravar imagens, através do processo de negativo-positivo. Esse processo de William Henry Fox Talbot lançou as bases da reprodução da fotografia.

O *calótipo*, comparado com o daguerreotipo, apresentar quer vantagens quer inconvenientes: maior facilidade de utilização, rapidez de execução, ausência de fragilidade do suporte e reprodutibilidade devem ser contrastadas com menor sensibilidade (um a dois minutos ao sol), que o torna inadequado ao retrato, pelo menos nos seus primórdios, e uma certa imprecisão, resultante da textura da pasta de papel. (AMAR, 2013, p. 26).

Também foram surgindo outros processos na primeira metade do século XIX, como o anbrótipo (que utilizava o próprio negativo de vidro como suporte) e o *ferrótipo* (que utilizava uma camada fina de ferro como suporte).

A nova invenção veio para ficar

Com a Revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2012, p. 27).

Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica e consequentemente, o acesso às máquinas chegou a um maior número de pessoas.

## A FOTOGRAFIA NO BRASIL

Sobre a fotografia, vejamos o que diz, KOSSOY:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma *intenção* para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou um de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo, envelheceu. (2012, p. 47).

Em janeiro de 1840, o abade francês Louis Compte (que era amigo de Danguerre) introduz o *daguerreótipo* no Brasil, apresentando-o ao imperador Dom Pedro II.

É no Brasil e com Dom Pedro II que a fotografia passa a fazer parte do universo brasileiro, pois em março de 1840 ele aos 14 anos adquire para si o equipamento da *daguerreotopia*, fato que fez dele o primeiro fotógrafo brasileiro.

A história da fotografia oitocentista no Brasil está intimamente ligada ao imperador, que foi seu maior fomentador. As coleções de fotografias que retratam a família imperial, e as pessoas envolvidas com a mesma, nos mostram a vontade de se fazer representar, perpetuando suas imagens reais na memória e na história brasileira. Portanto, o período imperial corresponde a um especial momento da fotografia brasileira, no qual o imperador percebe ser a fotografia um documento-memória em potencial. Dom Pedro II incentivou a fotografia em suas múltiplas faces, como, por exemplo, nas obras dos chamados fotógrafos viajantes (quase sempre ‘patrocinados’ pelo imperador) que percorriam os cofins brasileiros retratando as diferentes regiões e sua gente.

## A FOTOGRAFIA EM SERGIPE, NA CIDADE DE ARACAJU

Fotografar é sempre fazer história, seja a de nossas pequeninas vidas, ou das nações e dos grandes homens.

*A fotografia no Império*, de Pedro Karp Vasquez.

Renaldo Ribeiro Rocha cita em seu artigo ‘Um breve histórico da fotografia em Aracaju’, publicado no IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem, que a itinerância foi a primeira modalidade de atuação dos profissionais da imagem, que ofereciam os seus serviços em jornais locais a partir dos anos 70 do século XIX. Percebe-se um elemento comum nesses anúncios, ou seja, a forma como eram direcionados. Todos os profissionais passavam exíguas temporadas na cidade e deviam ser procurados com urgência caso desejassem ter contato com o que existia de mais moderno na arte da fotografia. O apelo à modernidade e ao uso de novas técnicas constituíram o trunfo desses profissionais que se diziam experimentados em seu ofício.

A respeito dessa itinerância, também verificada em Sergipe, Kossoy (2002, p. 25), informa:

Foram os pequenos fotógrafos – anônimos, itinerantes, ‘volantes’, ambulantes, vários deles exercendo diferentes ofícios para sobreviver, percorrendo longas distâncias a vapor, de trem ou sobre o lombo dos animais, viajando de vila em vila pelos mais afastados rincões deste país em busca de clientes – que contribuíram para a fixação da imagem do homem brasileiro. Foram esses desconhecidos viajantes que, com suas pesadas câmaras e estranhos equipamentos, captaram a imagem do indivíduo e do grupo familiar: suas fisionomias, seus ritos de passagem, seus eventos mais representativos. Representações que, gravadas nos diferentes suportes fotográficos, são vestígios documentais de múltiplas existências: deles próprios enquanto retratistas e de seus retratados. Dentre esses fotógrafos, muitos se anunciavam nos periódicos das cidades por onde passavam.

Na obra *Aracaju: Um olhar sobre sua evolução*, Maria Nely Santos cita o fotógrafo e relojoeiro João Gaston ou Goston, que esteve em Aracaju por volta de 1873. “*Durante quinze dias andou retratando pessoas. Instalado à casa 20 da rua São Cristóvão, das 09:00 às 04:00 horas da tarde*”. (SANTOS, 2008, P. 51 – 52).

Maria Nely Santos também relata em seu livro que naquela época mesmo que o hábito de deixar fotografar estivesse em moda, e o anúncio fosse o rei das opiniões e fizesse reputação, o custo não era baixo. “Basta saber, uma dúzia de retratos no formato *carte de visite* variava entre 3\$000 rs (três mil réis) a 5\$000 rs (cinco mil réis)”. (SANTOS, 2008, P. 52 – 53).

Nos anos 70 do século XIX quem também prestou seu serviço de fotografia foi, segundo Santos, o fotógrafo Benjamin Francisco Brandão, que tinha um ateliê à rua Maruim, em Aracaju, mesmo local que residia.

Com gestos e movimentos habituais, arrumava os instrumentos e acessórios de trabalho, limpavam poltronas e cadeiras alojadas no salão da frente. Era assim que Benjamin, um viúvo de 40 anos de idade, natural da Vila de Estância, preparava-se para receber clientes. (SANTOS, 2008, p. 50).

A afirmação sobre a profissão de Benjamin não se reduz a publicidade do Jornal de Aracaju (1873), onde ofereceu serviços e anúncios “a preço de 2\$000 rs (dois mil réis), a vista do lindo Atheneu Sergipense. Deriva sim, da lista oficial de votantes para Aracaju (1875), organizada por quarteirão e ordem alfabética, com nomes, idade, profissão, estado civil e renda dos votantes eleitores. Pois bem, nela, Benjamin aos 40 anos, está inscrito, posto que, requerem o direito por escrito, provando-o “com a juntada de documentos” exigidos pela lei eleitoral então vigente.

Ao contrário do que possa parecer, essa modalidade de trabalho com a fotografia não ficou limitada ao final dos oitocentos, mas enveredou-se, também, nas primeiras décadas do século XX, em Aracaju, passando a contar com fotógrafos residentes na capital e com aqueles que nela ficavam curtas temporadas, como se evidencia nos seguintes anúncios:

#### PHOTOGRAFO

Está n’esta capital o distincto photographo Sr. Moura Quineau que vem tentar o seu moderno “atelier” brevemente.

Na livraria Brasileira estão em exposição diversos retractos para os quaes chamamaos a atenção dos nossos leitores. (Correio de Aracaju, p. 2, 24/01/1909).



## A FOTO LAMBE-LAMBE OU OITI

Os fotógrafos lambe-lambes desenvolviam suas atividades profissionais em praças públicas, jardins e feiras. Segundo o memorialista Murillo Melins, em Aracaju eles surgiram na década de 1930. Todavia, antes deles já existiam as fotos realizadas em estúdios, a exemplo da Foto Amador que tinha como proprietário Artur Costa, existia também a Foto Studio, de Francisco Barreto e Foto Brasil de Orlando.

No capítulo Festas e Formaturas, do livro *Aracaju Romântica que Vi e Vivi: Anos 40 e 50*, de Murillo Melins, o autor conta que quando encerravam os cursos ginasial e pedagógico faziam festa de formatura. “Os alunos aprovados procuravam a Casa Amador, do fotógrafo Artur Costa, o Foto Stúdio, de Francisco Barretos e Foto Brasil de Orlando e outros estúdios fotográficos, para tirarem as fotografias trajando smoking ou a beca, cedidos pela própria casa” (MELINS, 2007, p. 97). As fotos eram trocadas entre os colegas mais ‘chegados’, oferecidas a parentes e amigos, e outra, destinada ao álbum ou quadro de formatura.

Outro fato importante se diz respeito ao local onde essa fotografia era produzida. “A foto lambe-lambe funcionava no mercado das verduras, local onde chegavam os trens, que estavam localizada na avenida Coelho e Campos. Ali chegam pessoas de todas as partes, um local bem movimentado e que gerava muito trabalho para os fotógrafos”, relembra Melins. Esses trens vinham de cidades sergipanas como Tomar do Geru, Itabaianinha, Pedrinhas, Boquim, Salgado, Rita Cassete, São Cristóvão e da Bahia, Salvador e Barracão (atual Rio Real).



IMAGEM 01: Lambe-lambe na avenida Coelho Campos. Foto: Lineu Lins



IMAGEM 02: Lambe-lambe na avenida Coelho Campos. Foto: Lineu Lins

Ainda em sua obra “Aracaju Romântica que Vi e Vivi: Anos 40 e 50”, Murillo Melins relata que o comércio de Aracaju começa a crescer entre às ruas João Pessoa, José do Prado Franco, Itabaianinha, Laranjeiras, São Cristóvão e avenidas Rio Branco, Otoniel Dórea e praça General Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão (antiga praça da Cadeira), popularmente conhecida como praça General Valadão.

Nesse crescimento vamos no deter a praça General Valadão, que é o local onde estavam construídas a cadeia pública, para onde eram levados os presos. Este espaço em 1938 após passar por reforma passa a ser chamado de Palácio Serigy, abrigando assim a sede da Secretaria de Estado da Saúde. No local havia atendimento de médicos, posto de vacinação e serviço de raio X.

Melins afirma ainda que:

O Palácio Serigy foi o primeiro edifício em Aracaju a possuir elevador. Filas de funcionários e curiosos formavam-se para subir ou descer os dois andares do prédio. Devido as suas características, talvez fosse o logradouro mais movimentado nos dias úteis da semana. Por lá, passavam pessoas que iam às compras nos mercados, que se dirigiam à velha Estação da Leste Brasileiro, especialmente nos horários previstos para a chegada e saída dos trens, e sua localização, próxima a Zona Portuária e ao Ponto da Marinetes, contribuía para que aumentasse o fluxo de pessoas que desembarcavam das canoas, lanchas, saveiros e dos velhos ônibus que vinham do interior. (MELINS, 2007, p. 161).

Na praça também estavam localizados o quartel do 28º Batalhão de Caçadores (que depois passa a funcionar como hotel e recebe o nome de Hotel Palace) e a Alfândega. Era um espaço de muita movimentação de pessoas, porque nas proximidades ainda havia o Porto e os pontos das marinetes.



IMAGEM 03: Postal com imagem do 25º Batalhão de Caçadores na praça da Cadeia (atual praça General Valadão). Postal cedido por Lineu Lins.

Em 1950 a praça General Valadão recebe os fotógrafos lambe-lambes, que se concentravam na região onde estava a estação de trem na avenida Coelho e Campos. Como a estação foi transferida para o Aribé (atual bairro Siqueira Campos) diminui a movimentação de pessoas e os fotógrafos passam a atuar na praça General Valadão.

Nesse período a foto lambe-lambe passa a ser conhecida também como foto Oiti. De acordo com Murillo Melins, a praça General Valadão possuía muitos pés de oitizeiros, bastante utilizado na arborização da cidade e por isso, a foto lambe-lambe também recebe esse nome.



IMAGEM 04: Local: Praça General Valadão. Atrás do casal um pé de oitizeiro. Foto: arquivo pessoal.



IMAGEM 05: Anúncio de um fotógrafo lambe-lambe.

As teorias do lambe-lambe são variadas. Em entrevista Murillo Melins conta que o nome vem da forma de trabalho dos profissionais. *“As chapas de metal recebia a gravação da imagem, mas para reconhecer se a placa estava do lado correto, os profissionais lambiam a placa”*.

## O OLHAR DO LAMBE-LAMBE

Vejamos o que diz FREITAS sobre a História Oral:

Com a História Oral, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (2006, p. 21-22).

Segundo Maria Isaura P. Queiroz (1983:91), as histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas.

O fotógrafo lambe-lambe aposentado, Sérgio Carlos Farias, 74 anos, diz que como o fotógrafo tinha que puxar o filme que era de plástico e este escorregava dos dedos, para dar ‘liga’. “A gente molhava o dedo na língua e tinha mais firmeza para puxar o filme”.

### Equipamentos

O fotógrafo lambe-lambe ou Oiti desenvolvia seu trabalho com uma câmara laboratório - uma caixa de madeira com uma lente apoiada em um tripé. A câmara era dividida em duas partes, sendo que a inferior continha os dois banhos, revelador e fixador, que eram utilizados ao mesmo tempo, para o processamento químico de filmes e papéis. “As fotos eram reveladas ali mesmo, quase que instantaneamente”, relembra o fotógrafo lambe-lambe aposentado, Erasmo Cardoso dos Santos, 72 anos.

O fotógrafo aposentado Salatiel Eduardo dos Santos, conhecido como Eduardo Lobo, acompanhou o trabalho do pai, que foi marceneiro e fotógrafo lambe-lambe, Antônio Eduardo dos Santos, conhecido como Antônio Carira, na fabricação das câmeras laboratório, utilizadas pelos profissionais da fotografia.

As caixas eram de tamanho 45x45 de cedro. Esse tipo de madeira deixava o equipamento mais leve, meu pai tentou usar jequitibá, mas ficou muito pesado. Uma folha de cedro com cinco metros dava para meu pai fazer duas máquinas e ainda sobrava um pedacinho.

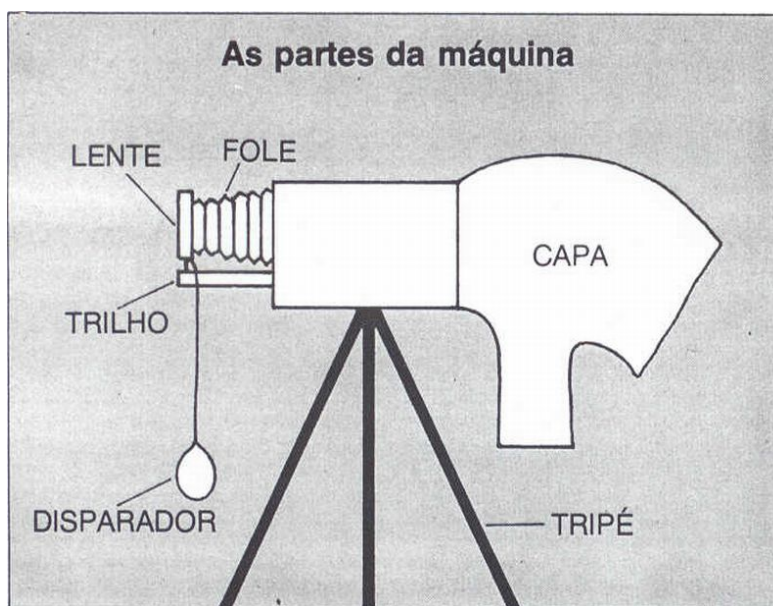


IMAGEM 06: Disponível

em: [https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ\\_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=TIkr1PiVFiSI7M](https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=TIkr1PiVFiSI7M). Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.



IMAGEM 07: Disponível em:

[https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ\\_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=rIU6zR29Bp00M](https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=rIU6zR29Bp00M). Acesso em: 20 de abril de 2017.

Salatiel Eduardo dos Santos conta que pessoas de vários estados brasileiros e até um estrangeiro vinham à Aracaju comprar equipamentos a seu pai. *“Até um americano meu pai atendeu. Lembro que ele nem quis levar o tripé, pois dificultaria no voo. Mas uma coisa ele fez questão de fazer, assistir a fabricação de sua máquina e com ela fazer o primeiro registro fotográfico”*. Em média cada equipamento era confeccionado em um dia e meio.

O fotógrafo Erasmo Cardoso dos Santos foi um dos clientes de Antônio Carira. *“Em 1956 abri minha própria barraca na praça General Valadão, batizei de Foto Realidade. Foi a Antônio Carira que atendia no Aribé que comprei meu primeiro equipamento”*.

O fotógrafo lambe-lambe Sérgio Carlos Farias adquiriu seu primeiro equipamento com Walter, no bairro Santo Antônio.

As caixas eram mini laboratórios, pois continham papel filme de 120 milímetros, pó sulfite, banheiras com revelador e fixador (sulfite de sódio), prensa e chapa. Era possível comprar esses materiais nas lojas Foto Brasil, de Sr. Orlando e Foto Ideal, de Luiz Carlos Menezes Barreto. A Foto Ideal era localizada na rua Geru, centro comercial de Aracaju e foi inaugurada em 1968.

*“Meu pai ficou com o espaço até 1978, depois entregou a outra pessoa para administrar”, conta o repórter fotográfico, Wellington Barreto, filho de Luiz Carlos. Wellington começou a trabalhar com o pai aos 14 anos. “Eu fazia muitas entregas aos fotógrafos da praça General Valadão”*.

Ele relembra ainda que seu pai facilitava a venda dos materiais, pois os produtos eram caros. *“Meu pai vendia fiado, eles pegavam o material pela manhã e pagavam no final da tarde, com a renda do dia. Lembro que outro diferencial da loja era a venda em ‘retalho’*. Uma caixa vinha com 100 folhas, meu pai vendia apenas a quantidade que o fotógrafo solicitava, às vezes o profissional queria uma folha, com ela dava para fazer dezesseis fotos no tamanho 3x4. O revelador e fixador já eram entregues diluído, evitando assim o desperdício”.



## Quantitativo

Erasmus Cardoso relata que quando os lambe-lambes chegaram à praça General Valadão, o quantitativo de profissionais era pequeno, porém foi aumentando, pois não havia controle por parte dos órgãos públicos. *“Bastava pagar o imposto de feirante a Prefeitura de Aracaju e montar sua barraca”*.

Outro fator que ajudava a aumentar o número de profissionais foi a confecção das máquinas serem local. *“Muitos profissionais compravam as máquinas confeccionadas por meu pai, mas também vinha gente de outros estados e por aqui se instalavam”*, relembrou Salatiel Eduardo dos Santos.

## Foto Popular

A fotografia popular lambe-lambe era utilizada pela população para principalmente ilustrar documentos. No formato 3x4 serviam para carteiras de identidade, de trabalho e escolares, além de cartões de vacinas exigidos pelas instituições públicas. Outros formatos também existiam, como os postais, que geralmente eram guardados como recordação e também eram enviados aos parentes mais distantes, para a namorada ou para ilustrar algum quadro na parede de casa.



IMAGEM 08: Foto tirada em um lambe-lambe da praça General Valadão para Carteira de Trabalho. Arquivo pessoal.

Esse tipo de fotografia era entregue de forma quase que imediata, porém, quem mais fazia uso desse serviço eram pessoas com menor poder aquisitivo. Quem possuía um poder aquisitivo mais elevado procurava as fotos de estúdio.

“Os estúdios demoravam de três a quatro dias para entregar uma fotografia, pois faziam retoques, no lambe-lambe não contava com produção, então, quando se precisava de uma foto rápida, o lambe-lambe era o mais procurado”, descreve Murillo Melins.

“Quanto mais experiência o fotógrafo tinha, mais rápido era a entrega aos clientes”, reafirma Sérgio Carlos Farias.

Para atrair uma clientela maior, os lambe-lambes começaram a oferecer fotos com paisagem e até objetos. “Cavalos e carneiros de madeira, tecidos com imagens para decorar o fundo das fotos eram atrativos a mais que os profissionais ofereciam”, descreveu o historiador Luiz Antônio Barreto, ao jornal laboratório Inconfidente, do curso de jornalismo da Universidade Tiradentes, em novembro de 2005. Os tecidos geralmente tinham imagens de praças famosas do Rio de Janeiro e até de Paris (França).

Uma das barracas mais citadas pelos entrevistados foi a Foto Sputnik, de Euclides. “A Sputnik era a mais famosa, também era a mais antiga”, relembra Erasmo Cardoso dos Santos. “Na Sputnik o proprietário usava até terno”, diz Salatiel Eduardo dos Santos. “A Sputnik era a barraca mais arrumada, pois oferecia aos clientes vistosas cadeiras e cavalinhos de madeira para as crianças”, disse Sérgio Carlos Farias.

Murillo Melins acrescenta que a barraca de Euclides recebeu o nome de Sputnik em homenagem ao foguete russo que levou o homem - Yuri Gagarin – ao espaço. “Era a maior barraca e o proprietário tinha até uma vespa, onde levava seu material fotográfico aos eventos como feiras e festas do interior sergipano”.

Outro truque para chamar a atenção dos clientes era expor em um painel fotos das pessoas mais bonitas para que o cliente visse a qualidade do trabalho do fotógrafo. “As vezes essa forma de ‘vender’ o trabalho gerava problema, pois as pessoas mais ‘abastadas’ financeiramente não queriam ver suas imagens expostas ‘era constrangimento’”, conta Murillo Melins.



IMAGEM 09. Painel com exposição de fotos. Foto: Cândida Oliveira

### Catálogo de barracas

Nas entrevistas realizadas conseguimos identificar 13 barracas de foto lambe-lambe. São elas: **Foto Popular** teve como primeiro proprietário Pacheco, depois passa para Sérgio Carlos Farias; **Foto Taça de Ouro**, de Geraldo; **Foto Sputnik**, de Euclides; **Sport Clube Sergipe**, do professor Zé Carlos Farias (irmão de Sérgio Carlos Farias); **Foto Irmão da Luz**, de Serapião; **Foto Ideal**, de Pedro Francisco; **Foto Universal**, de Antônio; **Foto Realidade**, de Erasmo Cardoso dos Santos; **Foto Bezerra**, de Bezerra; **Foto Ivone**, de Antônio Eduardo dos Santos; **Foto Confiança**; **Foto Arte**, de Everaldo

que depois passou para José dos Santos (conhecido como Eliezer), que troca o nome para **Foto Estúdio e Foto Titular**, de Gilson Barbosa.

## Extinção

Antes mesmo do surgimento da máquina digital, que alguns podem acreditar que foi o fator preponderante para a extinção da fotografia lambe-lambe, esse tipo de foto começou a decair após alguns acontecimentos que ocorreram na década de 70.

Em 11 de novembro de 1971, na edição nº 4525, o Jornal Gazeta de Sergipe aborda a retirada dos fotógrafos lambe-lambes da praça General Valadão:



## PMA retira «lambe-lambes»

Os fotógrafos da Praça General Valadão, retirados para atender às recomendações do esquema de segurança durante a visita que o Presidente da República, General Garrastazu Médici fez ao nosso Estado, serão mantidos na Avenida Coelho e Campos enquanto a Prefeitura providencia um remanejamento no logradouro público. Estas informações foram prestadas pelo engenheiro agrônomo Antonino Campos Lima Diretor de Serviços Urbanos do Município, quando esclareceu que a partir de agora os dois departamentos da Prefeitura, quais sejam o Departamento de Obras e Urbanismo e o Departamento de Serviços Urbanos estarão empenhados em realizar alguns melhoramentos de vulto naquele local.

### QUANTOS ERAM

Os fotógrafos, em número de 26, constituem um sério problema

para a Prefeitura que tentando sem conseguir há muito tempo vinha a retirada, tendo apenas realizado a troca de locais sem contudo afastá-los de forma definitiva. Ao longo dos anos muitos deles já estiveram transferidos para perto do Mercado Antonio Franco, e às vezes, estiveram levados à Praça Jackson de Figueiredo, por trás da Delegacia da Receita Federal. Na verdade muitos dos antigos fotógrafos já mudaram de ramo de negócio, ficando uns poucos que resistiram e contam mais de quinze anos no mister de fornecer cópias das imagens visuais dos fregueses em tempo recorde, e ocupando uma área ao abrigo dos conhecidos ficus benjamins, são conhecidos tradicionalmente por «Foto Oiti», designação genérica que os diferencia dos outros profissionais.

### SERÁ AJARDINADA

As autoridades da Prefeitura asseguram que

existem planos, já aprovados pelo Prefeito Cleovansóstenes de Aguiar no sentido de que a Praça General Valadão seja modificada na sua estética, aumentando a área para estacionamento de carros particulares, extinguindo a possibilidade de arborizada de algumas árvores e replantadas outras, servindo a novos canteiros com ajardinamento.

## Financiamento para Conjuntos

Em conversa mantida na tarde de ontem com a reportagem, o Prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar disse que estão bem adiantados os entendimentos entre a Prefeitura de Aracaju, Banco Nacional de Habitação e a Companhia de Habitação Popular de Sergipe, para a pavimentação dos Conjuntos «Presidente Médici», «Lourival Baptista» e dos «Comerciais». As obras, se não realizadas com financiamento do BNH e sua execução caberá ao Departamento de

### Obras e Urbanismo.

Na manhã de ontem o sr. Renato Santos, Chefe do Serviço de Execuções de obras estava terminando os cálculos dos projetos de drenagem e pavimentação dos referidos conjuntos, que por sua vez foram entregues ao Chefe do Executivo Municipal, na tarde de ontem. Segundo apurou a nossa reportagem, o Prefeito da Capital submeteu os projetos à consideração da COHAB, que será o órgão intermediário do financiamento.

Em 16 outubro de 1972, na edição nº 4212 o jornal Gazeta de Sergipe volta a falar sobre a retirada dos fotografos da praça General Valadão:



### PRACA

Aracaju perdeu mesmo uma praça, a General Valadão. Os carros tomaram conta do passeio e de toda a quadra, deixando uma paisagem feia dentro da Cidade. E não é com isto que se esteja resolvendo o problema do estacionamento em Aracaju, dos mais graves e que se apresenta como insólito aos olhos das autoridades. Quando da visita do Presidente Médici a Sergipe os fotografos que habitavam a praça daquela época cederam o seu lugar para que as árvores fossem pintadas. Na ocasião anunciou-se que aquela praça seria transformada numa moderna e belíssima praça pública. Hoje a imagem é mais real qualquer promessa, a praça está acabada, cheia de carros.

Segundo Sérgio Carlos Farias, o único hotel com condições de receber um presidente era o Palace e foi lá que o presidente Emílio Garrastazu Médici se hospedou. “Fomos retirados da praça por causa do presidente, queriam deixar a praça ‘limpa’”.

Erasmão Cardoso dos Santos também lembra da transferência. “Disseram até que poderia ter uma bomba entre as barracas e para a segurança do presidente precisávamos ser retirados do local. Isso (bomba) era uma fantasia deles, na verdade queriam tirar a gente de lá”.

Assim, os profissionais foram transferidos para a avenida Coelho Campos, a 335 metros da praça General Valadão. Lá ficaram até o final da década de 90, período em que os mercados Thales Ferraz (1948) e Antônio Franco (1926) são reformados e é construído o mercado Albano Franco (2000).

Segundo os entrevistados, na modernização dos mercados, na gestão municipal de João Augusto Gama (1997-2000) não ficou espaço para os lambe-lambes. “O prefeito disse que iria nos dar um cantinho para trabalhar, mas isso nunca aconteceu”, recorda Erasmo Cardoso dos Santos.

O prefeito mandou passar as máquinas e nossas barracas foram destruídas. Prometeram que as máquinas iam passar no período da tarde, mas na verdade começaram a trabalhar na madrugada. Eu ainda consegui retirar minhas coisas, mas muitos colegas perderam seu material. Ficamos sem atividade, ficamos cegos, sem rumo. No novo mercado não houve espaço para nosso trabalho. (Sérgio Carlos Farias).

Salatiel Eduardo dos Santos conta que seu pai, Antônio Eduardo dos Santos não instalou sua barraca na avenida Coelho Campos. “Os colegas não se respeitavam, se você conseguia um cliente, o outro profissional ficava chamando e barateando o trabalho, então meu pai decidiu trabalhar com fotos de festas e comprou uma câmera profissional”.

Essa lembrança de Salatiel se une ao depoimento de Erasmo Cardoso dos Santos. “Quando fomos para a avenida Coelho e Campos o número da barracas aumentou. Os ajudantes dos fotógrafos aprendiam o ofício e abriam suas próprias barracas e assim o número de profissionais crescia”. Com muita oferta a concorrência ficava mais acirrada.

Com a inauguração dos mercados Thales Ferraz, Albano Franco e Antônio Franco os fotógrafos não retomaram seu espaço na avenida Coelho e Campos e segundo eles contam, graças ao box nº 43 que foi alugado em 2001 no mercado Albano Franco foi possível continuar trabalhando. O espaço é dividido com uma vendedora de produtos domésticos. “Restou apenas cinco de nós, mas um faleceu e outro é deficiente visual, hoje (2017) somos apenas três”, diz Erasmo Cardoso dos Santos. O que conseguem de renda dividem entre eles a viúva e ajudam nas despesas médicas do colega deficiente visual.





IMAGEM 10. Frente do Box 43. Foto: Cândida Oliveira



IMAGEM 11. Lateral do Box 43. Foto: Cândida Oliveira

Atualmente trabalham de 8h às 17h, diferente de tempos passados. “Por dia eu atendia uma média de trinta pessoas, começava a trabalhar Às 7h da manhã e só parava às 18h e ainda tinha ajudante. Era tanto trabalho que não tinha tempo de fazer as refeições”, conta Sérgio Carlos Farias.

Hoje, os três ‘sobreviventes’ adotaram uma máquina digital e uma impressora de modelo simples. Os clientes diminuíram, atendem no máximo dez pessoas por dia, mas o desejo de continuar trabalhando não para. Sentado fazendo recortes de fotografias 3x4 Sérgio Carlos Farias diz que sente saudades. “Sinto saudades daquela época do lambe-lambe e para não perder a prática continuo frequentando o mercado”, diz.



IMAGEM 12: Máquina fotográfica digital e impressora. Com esses materiais tentam manter viva a tradição do lambe-lambe. Foto: Cândida Oliveira





IMAGEM 13: José dos Santos e Sérgio Carlos Farias (boné) a espera de clientes. Foto: Cândida Oliveira



IMAGEM 14. Erasmo Cardoso dos Santos. Foto: Cândida Oliveira

## REFERÊNCIAS

### Fontes

#### Entrevistas orais:

SANTOS, Erasmo Cardoso. Entrevista (março. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (13:25).

SANTOS, José. Entrevista (fevereiro. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (05:40).

MELINS, Murillo. Entrevista (novembro. 2016). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2016. Arquivo WAV (24:06).

\_\_\_\_\_, Murillo. Entrevista (março. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (09:57).

SANTOS, Salatiel Eduardo. Entrevista (março. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (1:58:16).

FARIAS, Sérgio Carlos. Entrevista (fevereiro. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (25:16).

BARRETO, Wellington. Entrevista (fevereiro. 2017). Entrevistador: Cândida Santos de Oliveira. Aracaju, 2017. Arquivo WAV (33:21).

### Bibliografia

AMAR, Pierre-Jean. História da Fotografia. 2. Ed. Revista. Tradução Victor Silva. Edições 70, LDA, 2013.

BARBOSA, Naide. Em busca de imagens perdidas: Centro Histórico de Aracaju – 1900-1940. Aracaju. Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 4. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MELLINS, Murilo. Aracaju Romântica que Vi e Vivi: Anos 40 e 50. 3. ed. Aracaju: Unit, 2007. Gráfica J Andrade.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: FFLCH-USP, Centro de Estudos Rurais e Urbanos-Ceru, 1983.

ROCHA, Renaldo Ribeiro. Um breve histórico da fotografia em Aracaju. Apresentado no IV Encontro Nacional de Estudos de Imagem. 07 a 10 de maio de 2013, Londrina - PR.

SANTOS, Maria Nely. Aracaju: Um olhar sobre sua evolução. Gráfica Triunfo. Aracaju (SE), 2008, 80 páginas.

VASQUEZ, Pedro Karp. A fotografia no Império. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2002.

## **Jornais:**

Correio de Aracaju - 24 de janeiro de 1909, p. 2

Jornal Gazeta de Sergipe - Edição nº 4525, de 11 de novembro de 1971.

Jornal Gazeta de Sergipe - Edição nº 4212, de 16 de outubro de 1972.

Jornal laboratório do curso de Jornalismo, da Universidade Tiradentes 'O Inconfidente'. Publicado em novembro de 2005. Edição nº 22.

## **Referências Eletrônicas**

### **Filme**

A arte de retratar a história - Caçadores da Alma:

<https://www.youtube.com/watch?v=T2i0EJJxJ0c&list=PLnNGL8YEWxUHHUvtopLOcs4bITPBhNC1J&index=13>

### **Fotos**

IMAGEM 01: Lambe-lambe na avenida Coelho Campos. Foto: Lineu Lins

IMAGEM 02: Lambe-lambe na avenida Coelho Campos. Foto: Lineu Lins

IMAGEM 03: Postal com imagem do 25º Batalhão de Caçadores na praça da Cadeia (atual praça General Valadão). Postal cedido por Lineu Lins.

IMAGEM 04: Local: Praça General Valadão. Atrás do casal um pé de oitizeiro. Foto: arquivo pessoal.

IMAGEM 05: Anúncio de um fotógrafo lambe-lambe.

IMAGEM 06: Disponível em:

[https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ\\_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=TIkr1PiVFiSI7M](https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=TIkr1PiVFiSI7M). Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.

IMAGEM 07: Disponível em:

[https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ\\_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=rIUb6zR29Bp00M](https://www.google.com.br/search?q=m%C3%A1quina+lambe+lambe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjT47ORzLbTAhUD4yYKHW54C4sQ_AUICCgB&biw=1242&bih=602#imgcr=rIUb6zR29Bp00M). Acesso em: 20 de abril de 2017.

IMAGEM 08: Foto tirada em um lambe-lambe da praça General Valadão para Carteira de Trabalho. Arquivo pessoal.

IMAGEM 09. Painel com exposição de fotos. Foto: Cândida Oliveira

IMAGEM 10. Frente do Box 43. Foto: Cândida Oliveira

IMAGEM 11. Lateral do Box 43. Foto: Cândida Oliveira

IMAGEM 12: Máquina fotográfica digital e impressora. Com esses materiais tentam manter viva a tradição do lambe-lambe. Foto: Cândida Oliveira

IMAGEM 13: José dos Santos e Sérgio Carlos Farias (boné) a espera de clientes. Foto: Cândida Oliveira

IMAGEM 14. Erasmo Cardoso dos Santos. Foto: Cândida Oliveira